

NACIONAL

Economia - Brasil

Perda com crise asiática pode chegar a US\$ 5,5 bi

Fátima Laranjeira e Adriana Lopes Arai
de São Paulo

Os reflexos da crise que se abateu sobre os países do Sudeste asiático atingiram firmemente o Brasil em outubro, mas seus efeitos econômicos sobre o País apenas começam a ser medidos e sentidos por economistas e empresários. Os impactos sobre os diversos mercados são diferenciados e não existe consenso sobre seus resultados na economia. As perdas — entre diminuição das exportações e crescimento das importações este ano — podem chegar a US\$ 5,5 bilhões, segundo estudo feito pela LCA Consultores para o Banco Fator. Mas projeções do BankBoston — que não prevê crescimento significativo das importações da Ásia para o Brasil — apontam um impacto menor, devido basicamente à queda das exportações para a Ásia, ficando entre US\$ 800 milhões e US\$ 1 bilhão.

As desvalorizações das moedas dos países asiáticos e a conseqüente ampliação da competitividade desses países, aliadas ao crescimento menor da economia em todo o mundo, provocarão uma piora considerável para a balança comercial brasileira este ano, na visão de Bernard Appy, diretor da LCA. "Avaliamos a perda potencial em todos os setores medindo a deterioração da balança comercial, isolando-se apenas o impacto da crise asiática e sem considerar as providências que o governo tomou para evitar uma piora dessa magnitude nas contas externas", explica Appy.

A maior parte dos empresários ainda acredita que é muito cedo para avaliar o efeito da crise no comércio mundial, mas em alguns setores o aumento da competição já se faz sentir. "Em mercados abertos há mais tempo, como Chile, Colômbia e Equador, a influência das empresas asiáticas no setor de autopeças é grande e a queda de preços dificulta ainda mais a ampliação das vendas dos produtos brasileiros", diz José Roberto Pinheiro Dias, gerente de Marketing e Vendas da Sacks Automotive Brasil, fabricante de embreagens. A empresa, que conseguiu em 1997 elevar em 40% as vendas para o Chile — o maior mercado sul-americano depois da Argentina —, espera apenas manter as exportações de US\$ 2,5 milhões do ano passado, se as vendas não caírem devido à intensificação da competição. "Os preços dos discos de embreagens coreanos da Valeo, por exemplo, são de 10% a 15% menores que os nossos, principalmente em função de condições como a exploração do trabalho infantil", diz Pinheiro Dias.

Em mercados onde o Brasil tem participação mais tradicional, como a Argentina, a competição dos produtos asiáticos não chega ainda a assustar. "Eles estão entrando com preços menores, mas nós temos um diferencial de serviços e pós-venda que pesa muito na manutenção desse mercado", conta. Para este ano, Pinheiro Dias espera um crescimento de 5% da economia argentina, e de 15% das vendas da Sacks, que atingiram US\$ 5 milhões naquele país em 1997. "A compra da fábrica de amortecedores Del Fabro elevou nossa penetração no mercado argentino, e contribuiu para reforçar nossa distribuição", diz.

O setor de autopeças é, segundo o estudo da LCA Consultores, um dos que pode ter suas exportações prejudicadas em função de um menor crescimento da economia mundial, que afetaria as vendas externas brasileiras em cerca de US\$ 1 bilhão. Metade dessa perda se daria por conta da queda do crescimento na Argentina, que ficou próximo ao patamar de 8% em 1997, devendo cair cerca de quatro pontos percentuais.

"Os países emergentes vinham apresentando taxas de crescimento acima da média mundial, e tiveram que tomar medidas mais duras com a crise asiática", lembra o consultor Fernando Camargo, coordenador do estudo da LCA. Outros setores que

O crescimento menor da economia mundial deve diminuir as exportações brasileiras em US\$ 1 bilhão, segundo a LCA

podiam ser prejudicados pelo desaquecimento, diz, seriam automóveis, metalurgia, siderurgia e alimentos, que mantêm importantes vendas para a Argentina. "A Europa é o único mercado importante que pode apresentar crescimento maior frente a 1997, de 2,5% para 2,8% este ano", diz.

Mas a principal perda para as contas comerciais brasileiras, segundo o estudo, viria do acirramento da concorrência com os produtos asiáticos em terceiros mercados, principalmente Europa e EUA, devido às desvalorizações reais de 53,7% das moedas asiáticas (até 31 de dezembro). Os setores exportadores mais afetados seriam aço, papel e celulose, carne de frango, alumínio, calçados e açúcar. "Esses são os segmentos com maior sobreposição entre as vendas asiáticas e brasileira", afirma Fernando Camargo. Ele está prevendo uma queda de vendas nesses segmentos de aproximadamente 10%, o que significaria uma redução de US\$ 2,4 bilhões nas exportações. "Estimamos uma queda até conservadora para calcular esse

Mercado ainda tenta medir impacto, que afeta de maneira diferente diversos setores da indústria. As importadoras apostam na baixa dos preços

Déficit fica em US\$ 2 mi

A balança comercial apresentou um déficit de US\$ 2 milhões durante a primeira semana de fevereiro. As importações totalizaram US\$ 1,039 bilhão e as exportações atingiram US\$ 1,037 bilhão, segundo os números divulgados ontem pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria do Comércio e do Turismo (MICT).

A média diária das importações no período atingiu US\$ 207,8 milhões, enquanto a das exportações ficou em US\$ 207,4 milhões. Conforme a agência O Globo, o ministro do MICT, Francisco Dornelles, creditou "a redução do déficit de fevereiro à política agressiva de exportações a partir de 1997". Segundo ele, as exportações cresceram 10% nesse período.

impacto, que deve ser o mais importante para a balança este ano", diz o consultor Bernard Appy.

A tese, no entanto, não é totalmente compartilhada pelo economista-chefe do BankBoston, José Antonio Pena García, que acredita que a dependência asiática da compra externa de insumos para produção de manufaturados praticamente neutraliza o efeito das desvalorizações das moedas na região. "Além disso, os exportadores asiáticos estão encontrando dificuldades em conseguir financiamento para alavancar suas operações", diz.

A dúvida do mercado internacional quanto à capacidade de os países do Sudeste asiático cumprirem seus contratos, principalmente os de longo prazo, está anulando por enquanto a ampliação da competitividade dos asiáticos no fornecimento para as montadoras de todo o mundo. A avaliação é de René Marques Júnior, gerente de Divisão Internacional da Metalgal, empresa produtora de espelhos retrovisores, que exportou US\$ 16 milhões em 1997. "Atualmente, nós estamos orçando projetos de veículos que só serão lançados em 2001, 2002, e pode ser arriscado para as montadoras apostar em empresas que podem não estar aptas a produzir daqui a quatro ou cinco anos", diz.

A possibilidade de produtos brasileiros sofrerem maior concorrência

em terceiros mercados e ainda uma provável queda dos preços internacionais também é considerada pelo economista do BankBoston. "Calçados, vestuário e tecelagem, que já vêm sofrendo com a concorrência asiática, podem viver um novo ciclo de dificuldades", diz ele. Carnes, sobretudo de frango, e madeira — que deve sofrer forte competição da Malásia e Indonésia — são outros setores que serão bem afetados, na sua avaliação.

Mas as desvalorizações podem melhorar o resultado da divisão de calçados esportivos da Alpargatas. A empresa já conta com a diminuição dos preços da matéria-prima importada da Coreia, principalmente produtos químicos para fabricação de tênis. "Para nós, a desvalorização acabou sendo uma vantagem, porque os fornecedores nacionais de matéria-prima similar já estão atentos à concorrência externa", diz Nelson Arrojo Júnior, gerente de Logística da empresa.

Na visão de Bernard Appy, os produtos brasileiros devem sofrer tanto pela perda de vendas, como pela queda do preço das commodities. "No agregado, a participação das nossas vendas, juntamente com as dos asiáticos no mercado mundial desses produtos é de cerca de 6%", diz. Para ele, o impacto da concorrência internacional já se reflete na queda das expectativas de preços para a maioria das commodities. "No entanto, o mercado futuro ainda não incorporou totalmente os reflexos da crise", avalia.

A expectativa de queda de preços no mercado externo assusta mais o setor de papel e celulose do que a diminuição das vendas físicas. "O processo de recuperação de preço do setor, que é cíclico, deve sofrer com a crise, porque há diversos investimentos começando a produzir na Indonésia e Coreia, que terão ainda maior excedente devido à diminuição do consumo nessa região", explica Nilson Mendes Cardoso, superintendente da Divisão de Produtos de Consumo da Ripasa, que prevê exportar US\$ 110 milhões em papel este ano, 6% acima do ano passado.

Ele acredita que os asiáticos, sem tradição nesse segmento, vão tentar abrir principalmente os mercados da Europa e Estados Unidos. "O impacto no volume de vendas brasileiro não deve ser grande porque são mercados de escala e a produção da Ásia ainda é pequena", avalia. Para ele, a crise levará à retração de investimentos no Sudeste asiático, o que manterá as vendas brasileiras por um bom período. A estratégia da empresa, no entanto, não muda: "Continuaremos priorizando a vendas de papéis com

maior valor agregado e não dos produtos considerados mais como commodities", diz.

No mercado do aço, as grandes siderúrgicas brasileiras acompanham cautelosas os desdobramentos da crise asiática, mas também não temem que ela as afete significativamente. A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), antes da eclosão da crise na Ásia, já vinha diminuindo sua exposição naquele mercado, incluindo o Japão, diz José Marcos Treiger, superintendente-geral de Relações com o Mercado da empresa. Das 3,155 milhões de toneladas em chapas grossas exportadas pela CSN em 1996, 50% tiveram a Ásia como destino. Já em 1997, esse percentual foi reduzido para 38%. "A estratégia da CSN é de diversificar mercados, partindo para os EUA, América do Sul, Europa e Oriente Médio", diz o executivo, acrescentando que o efeito da crise asiática para a empresa foi indireto. "Nós nos preparamos para um desaquecimento no mercado interno, com a decisão temporária de aumentar nossas exportações", diz.

A Companhia Siderúrgica Tubarão (CST), depois de investir na fabricação de produtos com maior valor agregado, conquistou mercados mais sólidos, como o norte-americano e europeu, diz Benjamin Batista Filho, diretor comercial. "Tínhamos grande exposição na Ásia em 1994, mas hoje apenas 20% da produção vai para esse mercado". Segundo Batista Filho, o grande cliente da CST na Ásia é um fabricante de navios que, como exporta seu produto e recebe em dólar, não deve reduzir suas compras.

Treiger, da CSN, também lembra que os países asiáticos que passaram por acentuadas desvalorizações precisam importar aço para depois exportar. Por isso, raciocina, é muito pequena a possibilidade de importações asiáticas invadirem o mercado brasileiro com preços baixos. "Também temos minas próprias, que os países asiáticos não têm", diz ele.

A LCA Consultores prevê redução de US\$ 600 milhões nas exportações para os tigres asiáticos (5% da pauta brasileira). "As exportações tendem a ser mais sensíveis do que as importações, pois o encarecimento relativo do produto nacional resulta em menores vendas", diz Fernando Camargo, prevendo queda das exportações para o Sudeste asiático dos US\$ 2,7 bilhões registrados em 1997, para US\$ 2,1 bilhões este ano. Garcia, do BankBoston, não acredita tanto no efeito das desvalorizações sobre o preço das importações feitas pelos países asiáticos, mas sim na acentuada queda do poder aquisitivo dos trabalhadores asiáticos e no decorrente desaquecimento da demanda local, o que deve resultar em menos compras.

No Brasil, os setores que seriam mais afetados pelo crescimento das importações dos tigres asiáticos, seriam os de eletroeletrônicos e outros menos afetados pela desaceleração econômica, como telecomunicações, automação industrial, componentes eletrônicos e, possivelmente, veículos, afirma Bernard Appy.

De acordo com o estudo da LCA, as vendas asiáticas para o Brasil podem crescer dos US\$ 3,5 bilhões do ano passado para US\$ 5 bilhões, uma piora de US\$ 1,5 bilhão. "Não é à toa que os eletroeletrônicos entraram na lista de produtos que precisam de licença prévia de importação. Isso, mais a valorização aduaneira, podem ser importantes mecanismos para o governo começar a segurar as compras externas."

Sem a crise, diz Appy, a balança poderia ter até equilíbrio comercial, e não o déficit de US\$ 5,3 bilhões previsto pela consultoria para este ano.

"Tudo isso mostra que já existia um profundo desequilíbrio das contas externas, que continua pressionando fortemente nossa economia e que foi potencializado pela crise asiática. Esse desequilíbrio, diz, deve permanecer pelos próximos anos, fragilizando o País. "Não é nada auspicioso ter um déficit em conta corrente de 4% do PIB, com a economia crescendo 1,4% ao ano, porque assim que houver um aquecimento, a tendência é elevar-se ainda mais o déficit".

A Alpargatas já conta com a queda nos preços da matéria-prima coreana para fabricação de tênis